Dia 27 — São João, Papa e Mártir

São João, papa, primeiro deste nome, foi filho de Constâncio e nasceu em Florença para o fim do quinto século. Nada se sabe de seus primeiros anos: só é certo que, sendo ainda rapaz, passou a Roma, onde se aplicou ao estudo das ciências e da virtude, em que fez maravilhosos progressos; e, elevado às ordens sagradas, mereceu ser tido por um dos mais santos e mais sábios presbíteros da Igreja.

Era João o oráculo e o modelo de todo o clero quando morreu o papa Hormisdas, no dia 6 de agosto do ano 523; e de comum consentimento foi eleito sete dias depois para ocupar a cátedra de São Pedro. Subiu a ela quando estava muito necessitada de um sumo pontífice sábio para confundir os hereges; santo para edificar os católicos; intrépido para não acovardar-se com as ameaças de um imperador ariano; e zeloso para velar continuamente sobre seu rebanho e defendê-lo com valor num desgraçado tempo em que a perseguição dos arianos no Ocidente fazia vantagens às perseguições dos imperadores idólatras. Possuía o santo pontífice com eminência todas estas virtudes; tudo isto era nosso João, e muito cedo se viu precisado a dar provas disso.

Obedecia a Itália então a Teodorico, rei dos godos, um dos mais poderosos e mais ardentes defensores que havia tido o arianismo. O império do Oriente reconhecia por imperador a Justino, que de soldado raso e sendo de muito baixo nascimento havia ascendido ao trono imperial por todos os graus da honra; e, cheio de religião e de piedade, havia publicado severíssimos editos contra todos os hereges, exceto os arianos, com quem por uma falsa política julgou dever dissimular, para não exasperar Teodorico, seu poderoso protetor, com quem o bem do estado o havia posto na precisão de coligar-se. Mas, considerando depois que esta condescendência era contrária à lei de Deus, determinou compreender também os ditos hereges nos decretos que publicava contra todos os demais e ordenou que todos os arianos que fossem vassalos seus e vivessem dentro de seus domínios tratassem de restituir prontamente aos católicos todas as igrejas que ocupavam e daí em diante estivessem sujeitos a seus editos.

Informaram logo os arianos a Teodorico das severas ordens do imperador Justino, suplicando-lhe que tomasse sob sua poderosa proteção a defesa de sua seita. Entrou em fúria o monarca ariano com esta notícia e escreveu muitas cartas ao imperador do Oriente, ameaçando-o de que desterraria de seus estados todos os católicos se não mandasse que restituíssem logo as igrejas aos arianos. Justino, cada dia mais zeloso pela fé católica e pela honra da religião cristã, não teve por conveniente deferir a seus rogos nem fazer caso de suas ameaças; e lhe respondeu secamente que não lhe permitia a consciência revogar as ordens que havia publicado.

Não desistiu Teodorico e, o que não havia conseguido por cartas, resolveu lográ-lo por meio de uma famosa embaixada, da qual quis absolutamente que o papa João fosse o chefe. Nomeou para ela os quatro senadores principais; e, para obrigar o santo pontífice, de quem suspeitava que se entendia secretamente com o imperador, a que se encarregasse da negociação, ameaçou-o de que, se se resistisse a fazê-lo, trataria os católicos da Itália do mesmo modo que o imperador tratava no Oriente os arianos. Considerando o santo pontífice a cólera do irado rei e vendo o perigo que ameaçava toda a Itália, viu-se precisado a encarregar-se de uma comissão tão indecorosa à sua suprema dignidade como contrária a seus mesmos interesses e santíssimos desejos; porque este príncipe lhe encarregou expressamente que declarasse ao imperador que, se não se restituíssem aos arianos as igrejas que se lhes haviam tirado, isto custaria a vida a todos os católicos da Itália e a liberdade à religião. Os quatro senadores romanos que lhe associou foram Teodoro, Importuno e Agapito, que todos haviam sido cônsules, e o quarto, chamado também Agapito, era patrício. Para fazer ainda mais célebre a embaixada, quis que se juntassem com ele cinco bispos, sendo os principais Eclésio de Ravena e Santo Eusébio de Fano, aos quais declarou de novo o iníquo rei sua intenção e sua determinada vontade.

Não é possível explicar o desconsolo de toda Roma quando se soube que a deixava o santo pastor. O longo da viagem, o assunto que a motivava, o justo temor de não voltar a vê-lo, tudo contribuía a que se sobressaltasse o rebanho e a que se desfizesse em lágrimas toda a cidade de Roma. Enterneceu-se o coração do santo pontífice à vista das demonstrações de seu povo; fez quanto pôde para consolá-lo, deitou-lhe sua paternal bênção e embarcou-se enfim com todos os que o acompanhavam.

Quando se teve notícia em Constantinopla de que o papa havia desembarcado, toda a cidade saiu a recebê-lo a muita distância, com cruzes, com pendões, com tochas acesas para fazer a devida honra ao vigário de Jesus Cristo, legítimo e verdadeiro sucessor do apóstolo São Pedro. Foi a recepção uma festa pública ou certa espécie de triunfo, acompanhado de veneração e de respeito, apressando-se cada um para receber a competência sua santa bênção. O mesmo imperador se prostrou em terra para saudar reverentemente o papa, tributando-lhe todas as honras que se podem imaginar. O clero talvez até fez vantagens na veneração à devoção do povo e do imperador. Na verdade, o nome só de vigário de Jesus Cristo, de sumo pontífice, inspirava a todos os fiéis aquele profundo respeito; mas a eminente santidade do papa, que se traslucia bem entre a pobreza de sua humildíssima bagagem, não contribuiu menos à geral veneração que as pessoas de todo sexo, idade e condição manifestaram a nosso santo. Não há que estranhar que fizesse tanta impressão o conceito que se tinha de sua heroica virtude, pois não se ignoravam em Constantinopla os milagres que havia feito no caminho. À mesma entrada da cidade deu vista a um cego; e se sabia o que havia sucedido ao atravessar o istmo de Corinto, onde por falta de carruagem certo fidalgo lhe emprestou seu cavalo, com o qual andou algumas léguas: mas ficaram todos assombrados quando viram que o cavalo, antes muito manso, dócil e manejável, não sofreu depois que ninguém o montasse, notando-se uma espécie de tremor em todo o seu corpo quando alguém se lhe aproximava para fazê-lo e desviando de si todos a relinchos, a coices e a patadas, sem que jamais fosse possível domá-lo.

Ainda que o imperador estava já coroado por mão de João, patriarca de Constantinopla, teve devoção de receber a mesma coroa de mão do pontífice, e celebrou-se esta cerimônia com a

magnificência correspondente a tão grande príncipe. O patriarca em todo tempo reconheceu a primazia da cátedra de Roma e rendeu ao papa as honras que se lhe deviam; e o papa oficiou de pontifical no dia de Páscoa, celebrando segundo o rito latino e o uso da igreja romana.

Entrando depois em conferência, esteve tão longe de tratar com o religioso imperador como embaixador de um rei ariano que só negociou com ele como pastor e cabeça de toda a Igreja católica; e, sem que um nem outro se deixassem intimidar das ameaças de Teodorico, reciprocamente se fortaleceram os dois na generosa resolução de preferir a glória de Deus a todos os interesses temporais e de defender a pureza da fé ainda à custa da vida. Exortou o papa o piedoso príncipe a que acabasse de exterminar a heresia de todos os seus domínios, sem fazer caso da perseguição com que o rei ariano ameaçava toda a Itália; e o imperador se sentiu tão animado com as vivas exortações de nosso santo que não só não quis restituir aos arianos as igrejas que se lhes haviam tirado, mas restabeleceu o exercício da religião católica naquelas onde ainda não o havia sido e escreveu a Teodorico que reputaria por manifesta infração da paz qualquer mau tratamento que se fizesse aos católicos. Isto não impediu que aquele bárbaro monarca, por levíssimas suspeitas e por força de meras calúnias, mandasse prender os dois maiores homens da Itália, Símaco e seu genro Boécio, mais recomendáveis por sua virtude e pelo zelo da religião que por sua sabedoria e pela elevada autoridade que tinham no senado, tendo sido ambos cônsules. Ao ilustre e religioso filósofo Boécio cortaram a cabeça antes que voltasse à Itália nosso santo, e Símaco sobreviveu pouco a seu genro, sendo o zelo da religião a principal causa da desgraça dos dois; mas o Senhor vingou logo sua morte com a funesta que teve o mesmo Teodorico.

Entretanto, tendo obtido do imperador o santo papa tudo o que desejava Teodorico, com exceção unicamente do que era em prejuízo da religião, deu a volta à Itália. Desembarcou nela e, quando se estava dispondo para ir dar-lhe conta de sua negociação, foi preso por ordem do ímpio monarca, aceso em raivosos ciúmes pelas honras que Justino lhe havia tributado e sem atender aos grandes serviços que lhe havia prestado junto ao imperador. Mandou conduzi-lo à fortaleza de Ravena, onde por medo de alguma sublevação não se atreveu a tirar-lhe a vida à espada, mas deu ordem de que o deixassem morrer de fome e de miséria. Diz-se que, achando-se naquela horrorosa prisão e tendo notícia das falsas vozes que os hereges haviam feito circular, fingindo mil embustes sobre sua negociação em Constantinopla, escreveu aos bispos da Itália a carta seguinte:

João, Bispo, aos Bispos da Itália

Saúde no Senhor

«Ainda que temos provas bem certas de que vosso zelo pela religião cresce cada dia e de que triunfa vossa fé, consolando maravilhosamente todos os fiéis, com tudo isso não deixamos de exortar-vos a que vos armeis com a espada da palavra de Deus para combater a perfídia ariana, tantas vezes condenada e que nem por isso deixa de renascer todos os dias, para que com a ajuda do Senhor tenhamos o consolo de arrancá-la até a raiz. E para isto não temais apoderar-vos, se for

possível, de todas as igrejas ocupadas pelos arianos e restituí-las aos católicos depois de purificadas. Assim o fizemos Nós no Oriente por conselho do cristianíssimo e religiosíssimo imperador Justino, quando o rei Teodorico nos forçou a ir a Constantinopla para tratar negócios da Igreja e do Estado. Não tenhais medo às ameaças que faz de passar tudo a sangue e fogo; lembrai-vos do que nos diz Jesus Cristo: *Não temais os que tiram a vida do corpo e não podem tirar a da alma; mas temei antes aquele que pode precipitar a alma e o corpo no inferno* [^1]. Pelo que toca a nós, ainda que em todas as ocasiões somos inquietados e somos perseguidos, não somos, porém, abandonados [^2].»

Irritado Teodorico da constância do santo pontífice, repetiu a ordem de que o deixassem morrer de miséria na prisão; e, rendendo-se a ela, coroou sua santa vida com uma preciosa morte no dia 27 de maio de 526 [^3], depois de dois anos e nove meses de pontificado. No mesmo dia manifestou o Senhor a santidade de seu servo com novos milagres. Foi conduzido o santo corpo com extraordinária pompa para fora da cidade e se lhe deu sepultura no cemitério público, onde esteve até quatro anos depois, em que seu sucessor, o papa Félix, o fez trasladar a Roma, cuja trasladação foi verdadeiramente um glorioso triunfo. Depositou-se na igreja de São Pedro o corpo de nosso santo, que sempre tem sido venerado como mártir, e na mesma igreja se conserva até o dia de hoje.

Martirológio Romano

Santa Maria Madalena, virgem, da ordem das Carmelitas, cujo trânsito se celebra no dia vinte e cinco deste mês.

A festa de São João, papa e mártir, o qual, tendo sido chamado a Ravena por Teodorico, rei da Itália, príncipe ariano, foi lançado numa prisão pela fé ortodoxa e acabou ali sua vida.

Em Dorostoro, na Mísia, o martírio de São Júlio, que, depois de haver passado por todos os graus da milícia, havia obtido sua reforma: preso pelos oficiais da justiça no tempo do imperador Alexandre, foi apresentado ao presidente Máximo, diante do qual manifestou seu horror aos ídolos e confessou o nome de Jesus Cristo com tanta firmeza que este juiz o condenou a ser decapitado.

Em Sora, Santa Restituta, virgem e mártir, a qual, combatendo pela fé no tempo do imperador Aureliano e do procônsul Agácio, venceu os assaltos dos demônios, as carícias de seus pais e a crueldade dos verdugos: finalmente, tendo sido decapitada com outros cristãos, foi honrada com a glória do martírio.

No Artois, São Ranulfo, mártir.

Em Orange, São Eutrópio, bispo, esclarecido em virtudes e milagres.

Na Inglaterra, o trânsito do venerável Beda, presbítero, muito célebre em santidade e doutrina.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Joannis, martyris tui atque pontificis, annua solemnitate lætificas; concede propitius, ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade de vosso bem-aventurado mártir e pontífice São João, concedei-nos benigno que mereçamos a proteção daquele cuja memória solenizamos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da segunda do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 1,3-7

> **Latim:** 3 Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, 4 qui consolatur nos in omni tribulatione nostra : ut possimus et ipsi consolari eos qui in omni pressura sunt, per exhortationem, qua exhortamur et ipsi a Deo. 5 Quoniam sicut abundant passiones Christi in nobis : ita et per Christum abundat consolatio nostra. 6 Sive autem tribulamur pro vestra exhortatione et salute, sive consolamur pro vestra consolatione, sive exhortamur pro vestra exhortatione et salute, quæ operatur tolerantiam earumdem passionum, quas et nos patimur : 7 ut spes nostra firma sit pro vobis : scientes quod sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.

Português: 3 Bemdito seja o Deos, e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, 4 o qual nos consola em toda a nossa tribulação: para que possamos tambem nós mesmos consolar aos que estão em toda a angústia, pelo conforto, com que tambem nós somos confortados de Deos. 5 Porque á medida que em nós crescem as penas de Christo: crescem tambem por Christo as nossas consolações. 6 Porque se somos atribulados, para vossa exhortação he e salvação, se somos consolados, para vossa consolação he, se somos confortados, para vosso conforto he e salvação, a qual obra o sofrimento das mesmas afflictões, que nós tambem sofremos: 7 para que seja firme a nossa esperança por vós: estando certos, que assim

como sois companheiros nas afflictões, assim o sereis tambem na consolação.

Nota

«O artifício de que se valiam os falsos apóstolos para desacreditar São Paulo entre os fiéis de Corinto, fazendo-lhes crer que pregava sem legítima missão, obrigou o santo a declarar-lhes desde o princípio da mesma carta que era verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo, pondo a Timóteo como por testemunha desta verdade e demonstrando-o depois com outras provas. Poucas das epístolas do santo apóstolo estão escritas com maior energia, com maior precisão, com mais unção, com maior eficácia nem ensinam e instruem mais que a presente.»

Reflexões

Sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis in Christo Jesu Domino nostro. Como tendes parte nos trabalhos, assim a tereis no consolo em nosso Senhor Jesus Cristo. Não há coisa mais comum no mundo que as adversidades; as cruzes nascem em todas as partes; são fruto de todas as estações, de todas as classes, de todas as idades. É o mundo vale de lágrimas; por mais que se cultive esta terra ingrata, sempre produz espinhos: cheios estão deles todos os caminhos, os pés não pisam outra coisa e se pungem com eles. Os grandes do mundo e os ditosos do século, que parece marcham por caminhos mais suaves, se os não sentem nos pés, os experimentam no coração; lá dentro brotam e lá dentro os penetram. Os desgostos, as inquietudes, os cuidados, os trabalhos, as adversidades são a herança de todos os mortais; ninguém é defraudado desta legítima, e, se as porções são desiguais, a proporção é perfeita entre as cruzes e os bens. Mas de onde nascerá que, sendo os trabalhos aquele pão de lágrimas de que fala o Profeta e de que todos se alimentam, se ponha tão pouco cuidado em que nos sirvam de proveito? Nasce de que padecemos como escravos, não como filhos; arrastam-se as cruzes, não se levam; e a desesperação aumenta a dor. Cada qual é engenhoso para atormentar-se mais; o peso que falta às adversidades supre-o a imaginação. Desde que pecou nosso primeiro pai, o homem nasce para padecer: grande lástima é que não façamos meritórios nossos inevitáveis trabalhos. Não há que empenhar-nos em fugir deles; ainda nas condições, por assim dizer, mais privilegiadas, acham-se os mais amargos. A rigor somente ao pé da cruz de Jesus Cristo nos livramos das cruzes. O grande segredo para suavizar nossos desgostos e até para cegar a fonte deles é olhá-los com olhos cristãos. Não os consideremos como castigo, mas como meio para nossa salvação. Quando nossos trabalhos coam, digamo-lo assim, pelos de nosso dulcíssimo Salvador, esta mistura os despoja de toda a amargura. É a cruz de Jesus Cristo aquele madeiro misterioso que mostrou Deus a Moisés, o qual, sendo em si mesmo muito amargo, adoçava as águas que o eram. A parte que se toma nos trabalhos de Jesus Cristo, levando os nossos com paciência, é penhor da eterna felicidade. Padeçamos nesta vida com tanta resignação, com tanta submissão, com tanta paciência cristã que possamos dizer com verdade: Assim como temos parte nos trabalhos, a teremos no consolo em nosso Senhor Jesus Cristo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** 24 Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. 25 Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. 26 Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo commutationem pro anima sua ? 27 Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: 24 Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. 25 Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. 26 Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? 27 Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

De quanta consequência é a salvação eterna

Primeiro ponto

Considera: de que serve ao homem ganhar todo o mundo se ao cabo se perde? De que serve a esses monarcas tão poderosos, a esses heróis tão louvados, a todos esses grandes homens que fizeram tanto ruído no mundo, de que lhes serve haver conquistado reinos inteiros, haver-se feito respeitar e temer dos príncipes vizinhos, haver levado o terror e o espanto até a extremidade da terra? De que lhes serve ao presente, nem de que lhes servirá no porvir haver visto que tudo cedia, tudo se rendia à insinuação de sua vontade ou de seu capricho; haver-lhes transbordado os bens, os gostos, os deleites, o esplendor, as dignidades; haver sido como os deuses da terra; de que lhes serve, nem de que lhes servirá, se ao cabo se condenam? E de que me servirá a mim o ser o que sou, se afinal tenho a desgraça de perder-me, de precipitar-me nos tormentos eternos, de condenar-me para sempre?

Essas opulentas heranças que já terão passado a outras mãos, esses magníficos palácios que já habitarão outros donos, esse majestoso aparato, esse séquito de móveis preciosos, de vestidos ricos, de librés, de carruagens, de joias e de alfaias, consolar-me-ão muito no inferno se tenho a desgraça de condenar-me? Servirá de grande consolo a um condenado a memória dos passados deleites? Calmarão ao menos por alguns instantes aqueles espantosos tormentos que padece? A desesperada memória do que foi e do que pôde ser mitigará a dor do que é? Pergunto: isto é feitiço, é furor ou é a mais frenética loucura? Por uns breves dias, por uns falsos deleites tão insípidos como vergonhosos, precipitar-me por toda a eternidade em todo gênero de suplícios! Por amontoar bens de que não se goza, perder o céu, perder um bem infinito, perder a Deus e perdê-lo para sempre, sem remédio, sem recurso! É possível que haja no mundo homens tão extravagantes? Sim, os há; o número destes insensatos cada dia é maior; todos os dias se olha com lástima os que seguem outro caminho. Esses homens dissolutos, essas mulheres mundanas, a quem tem o mundo como encantados e em quem está a fé quase de todo apagada; esses olham com riso estes perigos e até talvez fazem chacota, fazem matéria de zombaria das verdades mais terríveis da religião, burlando-se dos que a respeitam e a temem. Oh, e quanto convence a necessidade de um juízo universal o proceder destes insensatos!

Segundo ponto

Considera outra vez de que serve ao homem ganhar todo o mundo se perde sua alma. Este oráculo, bem penetrado, vale toda a filosofia moral dos cristãos; pelo menos é certo que ele só a encerra toda. Não é necessário outro ponto de meditação para reformar-se.

Dize a ti mesmo em meio desses ambiciosos projetos de fortuna, em meio dessa perigosa cadeia de prosperidades, em meio dessas sendas tão floridas como perfumadas, em meio desses dias alegres, brilhantes e risonhos, em meio dessas diversões que embevecem, em meio dessas concorrências que encantam: *Quid prodest?* Em que parará tudo isto? Quais serão as funestas consequências destas festas? *Quid prodest?* De que me servirá todo este mundo lisonjeiro um quarto de hora depois de minha morte, uma hora antes de expirar? Meu Deus, e que peso têm todas estas reflexões! E quão verdadeiras são e como me farão chorar algum dia! Em que empregamos o tempo, de que nos serve o entendimento, que nos aproveita a razão, se não fazemos reflexão sobre este oráculo cem vezes ao dia? De que serve ao homem, de que serve ao príncipe, de que ao bispo, de que ao cavaleiro, de que ao soldado, de que ao religioso, de que ao eclesiástico, de que à dama, de que ao plebeu, de que ao artesão, de que lhes serve ser o que são nem chegar a tudo quanto podem ser se, depois do papel que representam no teatro por algumas horas, se condenam sem remédio por toda a eternidade?

Tragamos à memória essa multidão de dias que têm transcorrido desde nosso nascimento até cá; dias todos misturados de gostos e de pesares, sendo muito raro o que se viveu sem esta alternativa; separemos, se é possível, neste imenso mar de amargura aquelas contadas gotas de alegria, na maior parte tumultuosa e inquieta; que nos resta agora de tudo isso? Ainda quando tudo se houvesse gozado sem perturbação, sem sobressalto, sem inquietude, que consolo seria o nosso se tudo isto nos houvesse conduzido a um escuro calabouço ou se em breves horas nos houvesse de conduzir a um afrontoso cadafalso? Sobressalta-se a alma com só esta suposição. Ah,

meu Deus, e quando nos sobressaltaremos à vista do iminente perigo em que vivemos de ser eternamente entregues ao mais penetrante, ao mais horrível que têm a raiva e a desesperação!

Se o santo papa João houvesse preferido a graça de um príncipe a seu dever e a sua religião; se se houvesse deixado intimidar de suas ameaças e covardemente se houvesse rendido a elas, de que lhe serviria? Mas, meu Deus, e de que me têm servido a mim todas as indignas condescendências que tenho tido até agora com o mundo? Não, Senhor, ainda que houvesse de ganhar todo o universo; ainda que houvesse de ser eu o homem mais feliz de todo o mundo, nada será capaz de mover-me a que vos ofenda; porque nada estimo, nada aprecio senão o que vos agrada.

Jaculatórias

> *In corde meo abscondi eloquia tua, ut non peccem tibi.* Sl 118.

Tenho vossa lei gravada em meu coração para não ofender-vos jamais.

> *Quid mihi est in cælo? et a te quid volui super terram?* Sl 72.

Fora de vós, Deus meu, que tenho eu que desejar no céu nem que apetecer na terra?

Propósitos

1. Falando propriamente, não há nesta vida negócio importante, não há negócio de consequência, não há coisa que mereça o nome de negócio senão o de nossa salvação. Negociações de príncipes, intrigas de corte, sítios de praças, batalhas ganhas, manejo dos cabedais da Real Fazenda, soberbos edifícios, fortunas vantajosas, negócios de muito interesse, obras de engenho, tudo isso só se chama negócio com impropriedade. Só o negócio da salvação é negócio nosso, os demais são negócios alheios; sejam em boa hora negócios do estado, do reino, do tribunal de guerra, do comércio, de tua comunidade, de teus amigos e de tua família; mas não são negócios teus. Ainda que todos os demais negócios do mundo te saiam mal, como te saia bem o da salvação, consola-te, que fizeste tua fortuna e és homem feliz. Agora, dize-me: o havias pensado assim até agora? Era este teu modo de discorrer acerca deste grande, deste importante negócio? É digno de admiração que, amando-se tanto os homens a si mesmos, tenham feito tão poucas reflexões sobre esta importantíssima verdade. Pois trata tu de fazê-las, e muito sérias. É certo que não viveste ocioso, que trabalhaste, afanaste-te, suaste, gastaste tua saúde; mas que adiantaste, que utilidade real e sólida ganhaste que te possa servir de algum proveito na outra vida? Se não trabalhaste para tua salvação, tudo perdeste; faze conta de que nada fizeste. Deixa por alguns dias todos os

demais pensamentos e ocupa-te neste só.

2. Grava, não só em teu coração mas em tua memória, este oráculo: *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur,* etc. De que aproveita ao homem ganhar todo o mundo se perde sua alma? Tem-no escrito em teu oratório, em teu quarto, em teu gabinete; e é muito louvável estampá-lo também no livrinho de horas e repeti-lo quando se tem padecido alguma perda ou se tem feito algum ganho. Se reina em tua casa a prosperidade e a abundância; se te olha a fortuna com semblante risonho e tudo te sai à medida de teu gosto, dize a ti mesmo com frequência o que te diz Jesus Cristo: *Quid prodest?* De que me serve tudo isto se me condeno? Se perdeste um pleito, uma herança, um grande emprego, penetrada bem esta verdade, é muito a propósito para consolar-te. A salvação é o maior recurso em todos os desconsolos. Repete muitas vezes esta lição a teus filhos e a tua família; nenhuma outra é mais eficaz para fazê-los todos bons cristãos.

[^1]: Mt 10,28. A chamada «(1)» consta do original; o texto da nota («Matth.», sem capítulo) aparece deslocado, no meio do Martirológio, como «(t) Mattb,! — (2, 2. Corinth.». [^2]: 2Cor 4,8-9. A chamada «(2)» consta do original; o texto da nota aparece deslocado e truncado («2. Corinth.», sem capítulo); a referência foi deduzida do texto citado. [^3]: Tal como no original. Segundo a tradição corrente, São João I morreu em 18 de maio de 526 e é hoje comemorado em 18 de maio.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:38 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:38 by Admin